05-09-2025

A Mulher Abacaxi: Resistência e Tecnologias Íntimas

Dalila

[Observadora combativa entre afetos, algoritmos e epistemologias feministas]

No assentamento da reforma agrária do MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra], Canudos, chamam de "mulher abacaxi" aquela que carrega mais do que devia. Carrega a panela, o filho, a senha do banco, o formulário do governo, a queda da vizinha no escuro, a foto da ferida para o telemédico. Diferente de um celular, a mulher abacaxi carrega até quando já não há energia para carregar. O marido pede: "*faz aquele Pix pra mim, você faz mais rápido.*" Ela consente a ordem, a sobrecarga, os termos de uso que já estavam aceitos antes mesmo de abrir a tela. Assim, consente aos termos de uso da vida doméstica digital. Começa a preparar o almoço, envia um áudio para a filha perguntando da reunião no banco, faz o Pix, checa no grupo de *whatsapp* da escola, coloca para assistir no *youtube* a missa do dia. O pastor diz "*a mulher abacaxi faz do homem um banana*". Na bíblia judaico-cristã, é Eva quem morde o fruto proibido primeiro. É ela quem carrega a culpa por induzir Adão ao pecado. A narrativa patriarcal começa ali: a mulher como culpada por tudo, até pela queda do homem. No assentamento, porém, a cena se atualiza de outra forma. A mulher é induzida. O celular vira fruto que ela precisa morder porque alguém precisa resolver a burocracia, o Pix, a matrícula na escola, o formulário do governo. Sem conhecimento ou não ela encara o desafio do digital. O marido pede, ela consente, ela executa. E quando o pastor diz que "*a mulher abacaxi faz do homem um banana*" é como repetir, em outro tom, a velha história: a culpa não está no peso desigual, mas em quem aceitou carregá-lo. Como uma revelação, as mulheres do assentamento agrário dizem: "o celular não é só comunicação, não é só distração. É ferramenta de trabalho doméstico, de gestão da família." Esse cenário é comum na vida de muitas mulheres, donas de casa, assentadas no campo, que vivem sob sobreposições de desigualdade social, de gênero e de acesso tecnológico. O celular, que deveria aliviar o peso, muitas vezes o aumenta. A cada notificação, uma cobrança. Violência mundana no digital é aquela que reforça expectativas de submissão feminina ao mesmo tempo em que sobrecarrega ainda mais quem já carrega tudo. A violência não chega como grito, mas como rotina. Não explode, se infiltra. É a violência banal, que se aproveita das conexões instáveis, da falta de apoio técnico e da baixa confiança/segurança digital. Pesquisas recentes em Geografias Digitais afirmam: as tecnologias são sempre situadas. A queda de Joana, ao catar quiabos, mostra isso. Sozinha em casa, com o pé ferido, ela usa o WhatsApp para pedir ajuda à vizinha que corre de carro para levá-la ao hospital. Para uns, em certos lugares, o celular chama Uber. Para ela, chama vizinha. Pesquisadoras das geografias digitais feministas alertam: as tecnologias digitais reproduzem diferenças, também de gênero. A máquina de lavar transformou o ato de esfregar roupa, mas não mudou quem continua a pôr, tirar, estender, guardar as roupas. O celular transforma os meios, mas não altera a divisão: às mulheres seguem destinados os problemas do lar e da família, o Pix muda o meio de pagar, mas não muda quem faz as compras de supermercado. A mulher abacaxi é quem resolve. Ela garante que o mundo continue girando. O *smartphone* é uma tecnologia que está na carne. Dona Maria tinha uma ferida aberta no braço; essa ferida se transforma em imagem enviada, pixel a pixel, até chegar ao médico da cidade, capaz de diagnosticar e orientar. O corpo se dobra em rede, misturando o global, o local e o íntimo. Schurr, Marquardt e Militz (2023), pesquisadoras alemãs olham o digital com olhos feministas. Explicam que tecnologias como o *smartphone* se tornam o que elas chamam de "*tecnologias íntimas*" (*Intimate Technologies*). Essas tecnologias digitais íntimas moldam o trabalho, o amor, o cuidado, a amizade. Nesse cenário, consentir não é apenas dizer "sim" ou "não". É mais turvo, mais denso: é consentir à ordem, ao peso, aos termos de uso da vida doméstica digital e, ao mesmo tempo, torcer esse consentimento, transformá-lo em gesto de resistência. Consentir nunca é neutro. Os manuais neoliberais de proteção de dados fingem que basta um clique, um quadradinho marcado. Mas o corpo sabe: consentir é relacional, é atravessado por poder. No sexo, o consentimento é sempre atravessado por normas patriarcais e histórias de dominação. Do mesmo modo, no digital, o "sim" e o "não" não são escolhas neutras, mas costuradas por hierarquias de gênero, de raça, de território. As mulheres consentem dentro de molduras que naturalizam a sobrecarga. A sociedade digital, fascinada pelas grandes máquinas militares, demora a reconhecer a revolução que se esconde nos gestos banais: a mulher que ensina a vizinha a preencher o formulário pelo aplicativo do governo; a vaquinha online que reúne recursos para o tratamento de Dona Maria; o áudio enviado porque escrever ainda é difícil, mas a voz carrega confiança e cuidado; a foto da ferida que atravessa quilômetros até chegar ao médico distante; o grupo de WhatsApp "Mulheres Emancipadas Digitais", onde circulam dúvidas, risos e estratégias de resistência; a produção da agricultura familiar divulgada pelo celular, transformando a tela em vitrine. Há, no cotidiano, uma política silenciosa de invenção e resistência. Não há espetáculo. Há sobrevivência. A mulher abacaxi segue torcendo o consentimento em prática de resistência, bordando redes de cuidado dentro da máquina. Entre a casca dura e a doçura da fruta, ela insiste em transformar vulnerabilidade em futuro. .. Berlin, 01/09/2025

■ ■ ■

Referência: Schurr, C.; Marquardt, N.; Militz, E. Intimate technologies: Towards a feminist perspective on geographies of technoscience. *Progress in Human Geography*, v.47, n.2, p.257-77, 2023.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.
A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.